



COCO DE RODA NA ESCOLA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM O COCO DE RODA NA ESCOLA DA PENHA EM JOÃO PESSOA - PB

Tatiana Domingos de Oliveira¹ – ProfArtes/UFPB

Carolina Dias Laranjeira² – UFPB

A presente pesquisa surgiu a partir da minha vivência como frequentadora do bairro da Penha e professora de Arte da Escola Municipal Antônio Santos Coelho Neto (EMASCN). O principal objetivo foi desenvolver uma proposta pedagógica com a dança do coco de roda na disciplina de Arte nas turmas dos 5º anos B e C dos anos iniciais da EMASCN no ano de 2024.

A EMASCN fica localizada na Penha, um bairro tradicional litorâneo bastante conhecido pelo turismo, pela culinária, pela religiosidade e pela cultura local. Segundo o Projeto Político Pedagógico (2024, p. 20) da EMASCN, a Procissão de Nossa Senhora da Penha é uma das principais manifestações religiosas do local. Ela acontece no Santuário de Nossa Senhora da Penha e atrai multidões todo ano no mês de novembro.

A dança e a música também se faziam presentes na cultura local através do coco de roda, mas aos poucos está caindo no esquecimento. “Se os jovens não participam continuamente de alguma forma (aprendendo a dançar, a cantar, a tocar), prejudica-se a continuidade da manifestação” (AYALA, 1999, p. 246). As novas gerações, acabam não participando das festas e brincadeiras do coco de roda da Penha, mesmo ainda existindo algumas pessoas do bairro e brincantes do coco de roda na comunidade que buscam a sua revitalização através de eventos e encontros, como a Mestra Dona Carminha, por exemplo.

¹ Graduada em Licenciatura em Dança pela UFPB; mestranda em Artes pelo Prof-Artes/UFPB; professora de Arte da rede pública; dançarina; quadrilheira; coreógrafa; pesquisadora na área das danças populares e danças midiáticas. *E-mail*: tatiianadomingos@gmail.com.

² Dançarina e pesquisadora, professora do Departamento de Artes Cênicas e do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal da Paraíba, tem mestrado em Artes (UNICAMP) e doutorado em Artes Cênicas (UFBA) e é co-líder do Grupo de Pesquisa CosMover: Dança em perspectivas pluriépistêmicas.



A EMASCN está inserida na comunidade e tem o dever de trabalhar aspectos da realidade daquele ambiente e sendo eu, professora de arte da EMASCN, considero ser o meu papel disseminar a cultura local aos alunos mais jovens para que o coco de roda não vire apenas uma lembrança.

Com esse propósito, realizei esta pesquisa abordando o tema das danças populares e educação com referência aos estudos de Isabel Marques (2014) e a metodologia se baseando na pesquisa de campo com intervenção pedagógica. Me apoiei na linguagem da tradição oral africana através da Pretagogia, de Sandra Petiti (2015) e diversos recursos como jogos corporais, brincadeiras e dinâmicas, mediando entre os saberes dos alunos e da comunidade.

As intervenções ocorreram no 2º semestre de 2024 com as turmas do 5º ano B e 5º ano C, no turno da manhã, na EMASCN. Em cada uma das duas turmas frequentavam aproximadamente 25 alunos com idade entre 10 e 12 anos. Foram duas aulas por semana, sendo elas juntas e cada uma com o tempo de 50 minutos.

Organizei cada aula seguindo a mesma rotina:

- 1º parte: afastar as mesas e cadeiras nas extremidades da sala para abrir espaço;
- 2º parte: formar um círculo com todos de pé de mãos dadas;
- 3º parte: no círculo, alongar enquanto conversamos relembrando a aula passada;
- 4º parte: fazer uma roda com movimentos de coco para aquecer e praticar a dança;
- 5º parte: realizar a dinâmica ou a atividade do dia;

Esta 5ª e última parte da aula foi a única que se modificou propositalmente em todas as aulas com a finalidade de diversificar a dinâmica das aulas.

Iniciamos a primeira aula, dialogando sobre o que é cultura popular a fim de saber qual o nível de conhecimento deles sobre as manifestações populares brasileiras. Mesmo eu sabendo que muitos vivenciam festas e danças da comunidade, estes não têm a noção que aquelas práticas são a cultura popular.

Finalizado este diálogo que serviu como uma avaliação diagnóstica, começamos a afastar as mesas e cadeiras da sala para as atividades práticas e fizemos um círculo para iniciar o alongamento. Esta configuração circular é



defendida por Petit como um princípio da Pretagogia: “o princípio de circularidade na relação entre os seres, os tempos e as coisas” (PETIT, 2015, p. 123).

Um dos momentos mais difíceis foi conseguir fazer com que todos pegassem nas mãos, para muitos o contato físico não era costume. Persisti 4 aulas realizando a mesma rotina até que eles se sentiram confortáveis em dar as mãos.

Seguindo a intervenção do primeiro dia de aula, alongamos em círculo e iniciei uma canção de coco de roda interpretada pela Mestra Dona Carminha. Muitos deles ainda não conheciam, mas me acompanharam nas palmas e batidas de pé. A música dizia: “*eu vou pra Penha agora, vou pagar minha promessa e visitar Nossa Senhora [...]*” E assim segui, levando uma música diferente em cada dia para que eles conhecessem e criassem um repertório de canções de coco de roda.

Enfim, na 5ª parte da aula, realizei a seguinte dinâmica: em dupla eles dançaram o coco de roda e quando eu dei o comando, através das palmas, eles trocaram de dupla, dançaram com outro parceiro e assim aconteceu sucessivamente. Todos ficaram concentrados no desafio, foi um momento de muita diversão e interação entre os envolvidos.

Nos dias seguintes segui a mesma sequência de aula, mas sempre apresentando, na 5ª parte, uma brincadeira ou uma dinâmica diferente com a dança do coco de roda, sendo ela em dupla, em grupo ou até mesmo individualmente.

Uma das aulas que se destacou foi o jogo de tabuleiro humano, onde eles formaram grupos e escolheram um colega para ser a peça do tabuleiro. Jogaram o dado gigante e a cada casa que caíam, o grupo deveria responder uma pergunta sobre o coco de roda, como por exemplo: “Como se chama a Mestra de coco de roda da praia da Penha?” ou “Cante o trecho de uma música de coco de roda:”. A peça (o aluno) só avançaria a casa se os colegas do grupo respondessem a pergunta corretamente. A disputa foi muito intensa nas duas turmas dos 5º anos.

Uma outra intervenção que mereceu destaque foi a aula de campo na praia da Penha. Neste dia a aula ocorreu com as duas turmas juntas. Foi um momento libertador para os alunos. Ficaram descalços, correram, brincaram e dançaram



cantando o coco de roda da Penha. Aproveitamos para visitar a barraca de Dona Irene, uma das incentivadoras dos eventos de coco que aconteciam na beira da praia em frente a seu estabelecimento.

Já no final das intervenções, no mês de novembro, a escola estava dedicada a realizar o Projeto das Relações Étnico-Raciais que acontece todo ano na semana da Consciência Negra, pois de acordo com as Leis Nº 10.639/2003 e a Nº 11.645/2008, é obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e indígena no ambiente escolar.

O coco de roda é uma prática cultural pertencente tanto a comunidades negras quanto indígenas, então aproveitei o evento para criar uma apresentação representando as vivências dos 5º anos com o coco de roda. Fazendo isso, toda a escola pôde tomar conhecimento sobre a pesquisa. Era nítido ver o orgulho dos alunos do 5º ano ao apresentar o que aprenderam.

Também participamos do Festival de Dança das Escolas da Prefeitura de João Pessoa, que ocorreu neste mesmo mês de novembro, apresentando a coreografia “Coco Contemporâneo” no Teatro Paulo Pontes. Com o propósito de levar a vivência dos alunos para o palco, fazendo com que eles notassem a diferença de dançar brincando sem platéia e dançar em um palco para o público. A emoção e encantamento dos alunos foi perceptível, muitos nunca haviam entrado em um teatro, muito menos haviam subido ao palco. Acredito que ações como essa são de iniciativa do professor e se tornam experiências ricas para os alunos.

Cada atividade desenvolvida ao longo desse período trabalhou um aspecto diferente: o contato físico, a socialização, a circularidade, o movimento corporal, a história do coco na Penha, a noção de pertencimento à cultura local, entre tantos outros elementos. Os alunos aproveitaram ao máximo, vivenciaram o coco de roda através de várias ações que incluíram aulas práticas, dinâmicas, competições, vivências na praia, ensaios e apresentações na escola e no teatro.

Devo esclarecer que as apresentações finais não estavam planejadas. Assim como outras atividades, foram incluídas no meio do processo, pois o resultado



esperado não era criar uma coreografia e sim desenvolver diversas experiências com a dança do coco de roda. O ensino da dança na escola vai muito além de ser apenas ensaios e apresentações para eventos do calendário escolar. Considero que o coco de roda precisa ser um tema indispensável nesta instituição pelo que ele representa para o bairro e que os alunos tenham consciência dessa importância.

Finalizei o experimento com a certeza de que contribuí para uma maior aproximação e identificação da nova geração com o coco de roda, tornando-o parte da rotina escolar nas aulas de arte e resgatando nestes alunos o sentimento de pertencimento à esta cultura.

REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez Novais. Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX. *Estud. av.* [online]. 1999, vol.13, n.35, pp. 231-253. ISSN 0103-4014.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União, Poder Executivo*, Brasília.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 21 set. 2025.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto. *PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO*: Instrumento de Participação e Construção Coletiva na Escola. João Pessoa, 2024.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia*: Pertencimento corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - Contribuições para a implementação da Lei 10.639/2003. Fortaleza: EdUECE, 2015.